



Peregrinar: que percurso? Que caminhos?

A peregrinação, parábola da existência humana

“O ser humano é ‘homo viator’ (G. Marcel), é alguém que faz caminho e que faz do caminho – não só da estalagem – o lugar para a construção de si” (T. Mendonça): é o caminho da vida aberto ao futuro, sempre em busca. Por isso, a peregrinação - que inclui este pôr-se a caminho - diz-nos algo de importante sobre o nosso ser humano, a nossa existência, a nossa vida. Nós somos e estamos a caminho. Muitas vezes a nossa vida é semelhante a uma aventura, a uma viagem no desconhecido. Em cada ser humano oculta-se um anseio profundo a uma meta definitiva. Procuramos segurança e estabilidade no meio da mudança rápida e vertiginosa dos acontecimentos. Procuramos uma felicidade que não se evapore. Toda a busca de sucesso, de bens, de prestígio e de felicidade é expressão deste anseio. Muitos homens e mulheres querem ver e descobrir, viver e experimentar algo de novo. Também aqui está latente um pouco daquele anseio que de algum modo invade o íntimo da cada humano e faz dele ser peregrino.

Dizer peregrinar, em geral, é colocar-nos à partida na ótica de um movimento externo, físico, que nos desloca de um lugar para outro. Todavia podemos falar de peregrinação interior que se entrosa com a exterior, ou porventura mesmo estando parados. E pode resultar fascinante precisamente pelos “lugares interiores” que se vêm a descobrir e a percorrer. Este aspeto coloca-nos na linha da reflexão cristã da interioridade.

Tendo em conta os dados sociológicos, não se pode negar que existe hoje uma intensa busca de espiritualidade que se declina em vários códigos interpretativos. Muitos destes permanecem a um nível de nebulosidade que exprime uma necessidade mas que não encontra o caminho para chegar à meta. Numa leitura humana e crente, partindo dos dados oferecidos pela sociologia, pela psicologia e pela “bricolage de crenças” evidenciada por aquelas, sente-se a necessidade de desenvolver um percurso antropológico: um itinerário do exterior nos meandros



interiores até chegar ao centro habitado pela presença divina. Outra leitura, mais em chave pedagógica, explora como, no desencanto que segue à queda das ilusões, possa nascer o desejo de sentido que leva à viagem ou peregrinação interior.

Os caminhos religiosos percorridos por inumeráveis peregrinos servem para recordar e manifestar a nostalgia e a esperança na bondade e na beleza da vida feliz e num mundo fraterno e em paz. E recordam que isto não é uma conquista à partida certa e segura, descontada, em que se possa ficar tranquilo, mas exige sempre novos inícios; e que o novo início parte sempre do coração renovado por graça do alto e por opções espirituais e morais que cada um deve alcançar, quotidianamente, na fidelidade, na alegria e na fadiga dos dias.

Do ponto de vista dos crentes, a peregrinação é uma parábola da existência humana entendida à luz da fé. No anseio de sentido latente no coração humano vemos um desejo ardente de Deus. Só Ele nos pode encher e satisfazer de modo definitivo, tornar-nos felizes, livres e satisfeitos.

A peregrinação característica da existência cristã

O cristão, em razão da sua fé, é também “Homo Viator”, peregrino na busca permanente do mistério insondável de Deus, tão bem formulada por Santo Agostinho: “Que buscando Te encontre; e encontrando-Te continue a buscar-Te”. A peregrinação caracteriza a existência cristã no seguimento de Cristo cuja vida é apresentada por S. Lucas como uma peregrinação em subida a Jerusalém, cidade da ceia, da paixão, morte e ressurreição, do Pentecostes.

A Igreja, povo de Deus peregrino no mundo e na história

De modo semelhante, a Igreja na sua identidade é povo de Deus peregrino, Igreja em caminho pelo mundo e pela história rumo ao reino de Deus definitivo. Enquanto peregrina não vive ainda no estado de plenitude, está necessitada de permanente purificação e renovação; além disso, peregrina em solidariedade com a humanidade, como portadora da esperança definitiva e como samaritana que cuida do homem ferido. É um novo horizonte e uma nova forma de peregrinação.



“Caminhamos na história, caminhamos no mundo, não como estranhos e fugitivos, mas como participantes da sua vida complexa e tumultuosa, alegre ou triste que seja. Precisamente como cristãos (e como Igreja), nós temos uma missão a desempenhar no mundo, temos para com ele uma responsabilidade, uma caridade a desempenhar”(Paulo VI, Audiência 13/05/1970).

A peregrinação como experiência de interioridade e de evangelização

A peregrinação pode ser uma experiência bela e surpreendente de Deus, de interioridade e de renovação espiritual, de evangelização e de testemunho. O peregrino deixa o seu lugar e o seu ritmo quotidiano, algo que hoje é uma necessidade tão sentida na cultura da exterioridade e do frenesim do tempo. O seu coração abre-se à medida que caminha. Tudo adquire nova dimensão: o tempo conta de modo diferente; os encontros são preciosos como partilha de vida interior; o silêncio fala da própria vida e de Deus; o coração desperta e a Palavra de Deus ou o seu Espírito ressoa por dentro, por vezes com “gemidos inenarráveis”. O próprio Deus é por vezes surpresa ou faz acontecer surpresas!

Os lugares de peregrinação aos quais se dirigem continuamente fiéis, em cada tempo, são “lugares de graça” onde, de várias formas, se pode fazer a experiência da riqueza e da beleza dos diversos aspetos do peregrinar. *Nos santuários marianos* desempenha papel singular a Virgem Maria: quer *como discípula* que “progrediu na sua peregrinação na fé” peregrinando com Cristo desde o berço até à cruz; quer *como Mãe* que nos é dada “porque Cristo não quer que caminemos sem uma mãe”(EG 285). Neste sentido é apresentada sobretudo como “sinal de esperança” para a Igreja que peregrina “entre as perseguições do mundo e as consolações de Deus”.

A singularidade da peregrinação a Fátima

A peregrinação ao Santuário de Fátima tem particularidades singulares que lhe são impressas pelo conteúdo da mensagem na sua dimensão mística e profética, por alguns aspetos simbólicos característicos (a imagem da Virgem peregrina



verdadeiro ícone da peregrinação, o mar de luz d procissão das velas, o adeus de Fátima), pela afluência de peregrinos de quase todos os povos do mundo e de todas as culturas e até de outras religiões, enfim pelo próprio santuário - lugar com o ambiente de silêncio e de oração, e com os lugares de referência (Capelinha, Valinhos), tudo o que levou o Papa emérito Bento XVI a dizer-me pessoalmente e textualmente: “Não há nada como Fátima em toda a Igreja católica no mundo”! Fátima abre caminhos para cá chegar e abre caminhos para quem daqui parte para a Igreja e para o mundo. Permito-me destacar só dois de premente atualidade e urgência na cultura atual.

A *dimensão mística* da mensagem, face a um certo eclipse cultural de Deus no ocidente, apela ao “caso sério” da fé hoje como experiência viva, íntima e gozosa do mistério de Deus, algo já bem visto e avisado com clarividência por K. Rahner em 1959: “o cristão do futuro será místico ou não será”.

Por sua vez, a *dimensão profética* urge a atenção ao problema sempre atual da paz pela cultura do encontro, do diálogo e da reconciliação e pela ação correspondente de uma Igreja em saída da sua autoreferencialidade para as periferias do mundo.

A partir destes dois aspetos referidos é possível descobrir mais caminhos como rios que nascem da mesma fonte de Fátima. Vale pois a pena abordar de forma transdisciplinar e interdisciplinar, sem reducionismos, este fenómeno da peregrinação que acompanha a humanidade, pertence à identidade da Igreja e assume uma característica peculiar em Fátima.

† Cardeal António Marto, Bispo de Leiria-Fátima